

historia: fronteiras



Vol. II

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)

Volume II



História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

ETNICIDADE E OCIDENTALISMO NA SERRA E COSTA PERUANAS

Philomena Gebran
Universidade Severino Sombra

Nosso trabalho pretende apresentar as fronteiras étnicas do Peru, desde a época incaica até os dias de hoje. Para isso retrocederemos um pouco no tempo, lembrando o momento da chegada dos primeiros espanhóis no território que mais tarde seria chamado de América. No primeiro contato, como sabemos, os europeus pensaram ter chegado às Índias, terra que tanto buscavam; com praias paradisíacas, algum ouro – tinham certeza que haveria muito mais - e uma gente simples, bonita, gentil e acolhedora. Assim, as primeiras cartas de Colombo descreviam o espaço americano, certo que havia chegado às Índias.

Porém, a “visão do paraíso” não se esgotou nas cartas de Colombo, ao contrário, projetou-se por um longo tempo. Os primeiros textos que falam do Peru, depois de passados tantos anos das cartas de Colombo, fantasiavam a região andina, dizendo que seu povo era descendente dos mouros, tal a semelhança que viam entre incas e mouros e falavam uma língua tão estranha quanto eles. Sobre isso expressa-se o cronista Agustín de Zárate:

(...) A terra do Perú, de que se há de tratar nessa história começa na linha equinocial adiante o ‘mediodía’. A gente que habita debaixo da linha, tem os gestos como os de judeus, falam da mesma forma que os mouros, são dados ao pecado nefando, maltratam suas mulheres, e fazem pouco caso delas e andam sem vestidos (as mulheres) sem outra vestimentas sue não sejam alguns trapos com o que cobrem suas vergonhas¹.

Esta citação demonstra como o espanhol do século XVI só podia entender aquilo que ele já conhecia. Não fazendo a menor idéia de que poderia existir em um mundo que não era o seu

outro povo, outra língua, outra religião, outra cultura. Não possuíam o menor grau do princípio de alteridade. Tanto que não conseguiam ver a diferença enorme entre mouros, judeus e principalmente os incas.

Neste sentido, os primeiros cronistas espanhóis descreveram a cultura inca como se fosse moura ou judia, povos que já conheciam. Pois se quer imaginavam que existisse um povo, uma cultura ou uma sociedade que não fosse por eles conhecida.

Na região andina à época dos incas não havia ainda a dicotomia criada a partir da Colônia entre Serra e Costa. O mundo incaico do século XV, tempo que durou sua existência, demonstrava uma certa homogeneidade entre todas as suas “províncias”, fossem elas da Serra ou da Costa.

No Tawantinsuyu, Estado Inca, existia uma economia vertical que abrangia tanto Serra quanto Costa e por onde se espalhavam os “tambos”, depósitos estatais que guardavam, de preferência, o tributo em espécie, pago ao Inca pelos *ayllus*. E para ambas, Serra e Costa valia a mesma lei os mesmos costumes, a mesma administração com lugares que se posicionavam estrategicamente, para o controle tanto da economia como da política incaica, sem necessidade de fronteiras ou de outros controles que não fossem aqueles criados pelos próprios incas.

Desses “centros administrativos” os funcionários controlavam a distribuição da produção agrícola de forma que ela fosse igualitária a todo o povo e de acordo com a vontade do Inca e os costumes da sociedade com ordens de não privilegiar essa ou aquela comunidade. “A distribuição alcançava a todos os povoados e por isso não existia nem a fome nem a pobreza”². Vale dizer que o Estado Inca converteu-se, para os peruanos, no paradigma do bem-estar social de um povo. Uma utopia feita realidade.

Os relatos dos diversos cronistas da época da invasão espanhola descrevem bem o que acabamos de dizer. Segundo eles, não houve antes dos incas um desenvolvimento cultural, econômico, social e político tão bem realizado quanto o deles.

Porém, em nosso entender, nem sempre foi assim, nos tempos pré-incaicos, não havia toda essa homogeneidade. A sociedade pré-incaica era composta de várias comunidades e de vári-

as etnias, governadas por grandes “senhorios”, chefes ou “caciques” que controlavam as comunidades situadas em diferentes “pisos ecológicos”, suas múltiplas ecologias e a diversificada produção desses pisos. Para John Murra, a sociedade pré-incaica já realizava, de certo modo, a economia vertical, só não havia chegado ao grau de desenvolvimento e organização da sociedade inca, mas foi a base dessa, talvez ainda mais estratificada³.

O certo é que as fronteiras étnicas romperam-se depois das conquistas incas e/ou cuzquenhas, como querem alguns. Apesar de alguns “senhorios” terem sobrevivido a essas conquistas no entanto, a fronteira entre elas permaneceu muito tênue.

Foi durante a existência do Tawantinsuyu que a economia vertical organizou-se e desenvolveu-se por meio do que Murra chama de “arquipélagos” econômicos organizados pelo “controle de um máximo de pisos ecológicos”⁴. O “arquipélago supõe assim, o controle efetivo das terras localizadas nos diferentes pisos ecológicos distribuídos pelos Andes e cuja diversificação fez possível e ainda faz até os dias de hoje a população chegar aos bens de produção necessários para obter o abastecimento dos grupos étnicos”.

Com a economia vertical romperam-se as fronteiras ecológicas, e/ou econômicas que teriam permanecido das sociedade pré-incas, porque costa e serra passaram a ter uma ligação direta através dos “pisos ecológicos” realizando um intercâmbio de troca de produção entre um piso e outro de acordo com a especialização de cada um; aquele que produzia mais milho estabelecia uma relação de troca com o que produzia mais batata e assim por diante, entre todos os pisos; e todos eram perpassados pelo abastecimento da folha de coca, só produzida nas grandes altitudes e, por isso mesmo, poderia ser trocada por qualquer outro produto, privilégio apenas da folha de coca, produto fundamental para manter o bem-estar para as grandes altitudes e a boa disposição para o trabalho.

Essas relações, entre um piso e outro, só se tornaram possíveis e foram facilitadas pela incrível rede de “caminhos” criada pelos incas, o que facilitava muito a circulação da produção, e pelos princípios da “reciprocidade” e “redistribuição” que

norteavam a organização social, política, econômica e, principalmente, a ética incaica.

Todas as conquistas étnicas eram incorporadas e/ou integradas ao Estado, estabelecendo logo um vínculo entre a “nova” etnia e o poder Inca. Assim, podemos dizer que todos os grupos étnicos da costa à serra estavam absolutamente relacionados uns com os outros e foram acumulados pelos incas. Todos trabalhavam no sentido de suprir a população de bens necessários à sua subsistência e atendendo às suas necessidades. Importante acrescentar que apesar dessa integração, os incas respeitavam os costumes e os sistemas míticos de cada etnia, ajudando-as a preservar seus valores morais e éticos desde que todas respeitassem seu deus maior o “Inti” – o sol.

Fica claro assim, compreender porque à época incaica as fronteiras étnicas foram rompidas. O princípio da “reciprocidade” entre os *ayllus* e, entre a população em geral, era seguida conforme ditava a ética do Estado e era considerado como “reciprocidade igual”, o da “redistribuição” realizada pelo Estado quando havia necessidade de socorrer algum *ayllu*. Os princípios incaicos baseados no trabalho dirigiam, orientavam e de certa forma, pela prática igualava todos, fossem os incas ou as novas etnias conquistadas que, salvo algumas exceções, essas já no final do apogeu inca, aderiam totalmente à sociedade inca adotando seus costumes, sua organização e seu sistema mítico. Essa situação de total adesão encontra-se nas descrições de Garcilaso de la Vega:

Quando em Cuzco foi elaborado o sistema da ‘mita estatal’ tomou como modelo as obrigações recíprocas comunais já conhecidas por todos. Todos os habitantes das comunidades ajudavam-se entre eles abrindo ‘sulcos’ para semear e depois durante a colheita sem exigir nenhum pagamento⁵.

Vale acrescentar que a mita era utilizada também para a realização dos trabalhos públicos; como a construção dos “andenes”, sistema de irrigação criado pelos incas; para a construção dos caminhos; construção de “tambos”, de “colcas”; de templos e de palácios; todas edificações consideradas de utilidade pública. O trabalho estatal também fazia parte do princípio de “reciprocidade”.

dade” praticado pelo Inca. Os homens requisitados para trabalhar nessas “mitas” recebiam da parte do Inca alimentos, roupas, utensílios variados, muitos e muitos presentes. Era a chamada “reciprocidade desigual”.

Blas Valera acrescenta: “Havia entre os incas a ‘lei da irmandade’. Os recém casados tinham direito a uma casa nova, construída com a ajuda de todos da comunidade. Reunia-se o Conselho para determinar o dia em todos iriam participar da construção da casa”⁶.

A chegada dos espanhóis representou o fim da homogeneidade inca e todos os princípios foram rompidos; utilizaram a “mita”, trabalho não compulsório criado pelos Incas e incluído no princípio da “reciprocidade” como trabalho compulsório, responsável pela mortalidade de milhares de nativos na exploração das minas de Potosi, Huancavélica e muitas outras saqueadas pelos espanhóis da época.

Quando Pizarro chegou, Cajamarca encontrou o Tawantinsuyu dividido pela briga entre os irmãos Huáscar, descendente considerado “legítimo” de Manco Capac, porque filho da linhagem direta deste como sua “esposa” de Hanan Cuzco e Athualpa, considerado não herdeiro do poder, porque filho da “esposa” dita “secundária”, ou seja de Hurin Cuzco, onde os Incas realizavam seu segundo.

Porém, foi Athualpa que acompanhou o pai, Huayana Capac, em suas últimas conquistas ao Norte de Peru, e após a morte do pai instalou em Cajamarca um poder paralelo, desconsiderando o de seu irmão Huáscar em Cuzco. Essa situação se agravou com a invasão dos espanhóis que, aproveitando-se da mesma, ameaçaram Athualpa de ter mandado matar seu irmão para se apoderar do poder de todo o Estado. Fizeram-no prisioneiro, exigiram alto resgate em ouro e prata e finalmente o mataram.

Depois da invasão espanhola no século XVI, os ayllus e a sociedade incaica como um todo criaram um espaço de resistência em Vilcabamba, no lugar que mais tarde seria designado como o “Vale Sagrado” ao longo do rio Urubamba; aí elegeram novo Inca descendente de Huáscar, - Tupac-Amaru I - e tentaram estabelecer um governo paralelo ao dos espanhóis, propondo a manutenção de uma fronteira de paz, onde não haveria exclusão de

nenhuma das partes; nem inca, nem espanhola. Impossível, no entanto, resistir por muito tempo.

Tupac-Amaru I foi morto, ou melhor dizendo, executado, por volta de 1570 por ordem do vice-rei Francisco Toledo, representa também a morte de um de um projeto de resistência. Restava a resistência mítica, única forma de não serem atingidos em sua cultura. "(...) no século XVI a esterilidade dos esforços dos senhores cuzquenhos e sua debilidade era dramaticamente evidente (...) a sociedade para se preservar volta-se para a religiosidade mais básica: Não seriam os homens de carne e osso que irmanados iriam buscar a liberação de seus semelhantes mas, é a humanidade primordial das 'huacas' que une esforços para arrojá-los ao mar o inimigo. É assim que nasce o 'Taki Onkoy'".

Em Cuzco, depois da invasão, os princípios éticos, sociais e políticos dos incas jamais seriam compreendidos pelos espanhóis, muito menos respeitados; por mais que os incas tenham resistido tanto à invasão como à colonização foi, no entanto, impossível evitar a desestruturação social, política e econômica do mundo andino. Uma nova ordem passou a dominar: a ordem colonial.

A desestruturação do mundo incaico provocou uma reordenação do espaço andino. Cusco deixou de ser o centro do poder e das riquezas, e os espanhóis estabeleceram a capital administrativa e centro político e econômico em Lima, de acordo com seus interesses colonizadores. Lima passou a ser a cidade dos vice-reis espanhóis; a branca, a européia, a civilizada, a cristã; enquanto a serra estava destinada a ser o espaço da exploração do trabalho compulsório e dos desrespeito dos colonizadores.

As minas de Potosí, uma grande montanha de prata como a definiu Cabeza de Vaca, convertem-se em um lugar da maior exploração e mortalidade dos nativos incas, onde havia um grande buraco. Toda a prata havia sido extraída e milhares de nativos haviam sido mortos em nome da cobiça dos colonizadores em nome da Coroa espanhola e para enriquecer as Metrôpoles espanholas.

A serra empobrecia cada vez mais; os incas que nunca haviam conhecido a fome, depois da invasão tornaram-se famintos e miseráveis. Estava estabelecida a fronteira da miséria. Estava estabelecida a dicotomia serra/costa. Esta governada pelos vice-

reis e a outra foco da exploração e destruição das comunidades, dos costumes, do sistema mítico e dos valores andinos.

Os espanhóis apropriaram-se de todos os bens e valores incaicos. Da terra, da água, das riquezas, das mulheres. Destruíram a economia vertical, a qual sequer entendiam mas, não admitiam a ligação serra e costa. "(...) a dominação colonial significou para os incas ser despossuídos dos meios mais essenciais de produção. Na grande maioria dos casos apropriavam-se da terra por meio extrema violência"⁸.

A colonização, apesar da resistência que os incas impuseram aos invasores, virou de cabeça para baixo toda organização andina; a primeira grande, e poderíamos dizer, definitiva modificação - pois permanece até os dias atuais - foi criar a separação serra e costa, impondo uma dura fronteira econômica, política, social, cultural, religiosa e mítica, discriminando a serra como sendo "terra de índios", logo, atrasada e pobre, onde permanecia o povo sem cultura e principalmente sem alma, o lado da "barbárie". E Lima, a capital européia onde os vice-reis trataram logo de erguer igrejas, episcopados, palácios e centros administrativos.

717

Essa atuação, ou melhor, essa discriminação para com a Serra justificava as perversas "evangelização" e a "extirpação da idolatria," praticadas pelos espanhóis, e que se constituíram numa das maiores crueldades da colonização. Em nome da conversão dos incas para religião dos espanhóis, valia tudo, inclusive matar.

A fronteira ideológica talvez tenha sido a que mais contribuiu para a desarticulação dos sistemas da cultura inca; muito mais que as fronteiras estipuladas fisicamente e/ou geograficamente. A Serra, que à época inca foi o grande centro de poder, riqueza e desenvolvimento social, sofreu as maiores atrocidades e discriminações que se estenderam por muitos séculos, permanecendo até os dias de hoje.

NOTAS

¹ZÁRATE, Agustín de. "Historia del Descubrimiento y Conquista del Perú. Martín Nucio, Amberes, 1555. In PEASE, Franklin. *La America de la Conquista*. Historia y Cultura del Perú.

²ROSTWOROWSKI, María. *Señoríos indígenas de lima y Canta*. IEP, Lima, 1987, p. 15.

³MURRA, John. *Formaciones Económicas y Políticas del Mundo Andino*. IEP, Lima, 1975, p. 16.

⁴*Idem*, p. 17.

⁵DE LA VEJA, Garcilaso. "Comentarios Reales de los Incas". In *Biblioteca Clasicos del Perú*. Lima, 1978, pp. 162-181.

⁶VALERA, Blas. In MURRA, John. "La organización Económica del Estado Inca". *Siglo Veintiuno, México*, 1979, p. 36.

⁷ROSTWOROWSKI, Maria. *Entre el Mito y la Historia*. Ediciones Imago, Lima, Perú, 1987, pp. 108-109.

⁸WACHTEL, Nathan. *Sociedad y ideología*. IEP, Lima, 1973, p. 86.